



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

**Tema Gerador - “ Gestão de Conflitos na Sala de Aula” –  
“Reflexões sobre como lidar com conflitos e diversidades de opinião,  
promovendo um ambiente de respeito e diálogo” - 08/09 a 14/09**

**Texto retirado do livro – “ Saberes e afetos do ser professor”**

Emília Cipriano Sanches

## **“AUTOAVALIAÇÃO E O OUTRO”**

### **“A ESCOLA E OS SENTIDOS”**



No Universo da Educação, há variadas formas de avaliação e todas têm sua devida importância. Elas fornecem indicadores que vão iluminar nosso fazer no dia a dia. Só que a maior avaliação que existe, em minha compreensão, é a **autoavaliação**.

O que não quer dizer olhar apenas para mim mesma. Implica olhar também para meu grupo, no espaço que eu habito. Essa autoavaliação não é realizada com base em critérios externos, mas a partir de minha observação, que conheço a trajetória de quem estou acompanhando.

“Cada vez que entro em sala de aula, essa é a oportunidade de me autoavaliar. ”

E há a questão do acolhimento, que para mim, é muito forte. Considero que a tarefa essencial de um professor, todos os dias, é acolher. Não apenas o grupo, mas acolher-se também. Ele precisa perguntar-se:



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

### “Onde estou agora?”

Esse questionamento é importante para não deixar o processo automatizado. Invariavelmente, quando entro em sala de aula, eu me energizo. Já houve ocasiões em que cruzei com pessoas no corredor e notei o olhar delas como se dissessem: “**Nossa, mas ela está acabada**”.

Em alguns momentos, estava mesmo me sentindo cansada, porque o dia a dia não é fácil. Mas, ao entrar em sala, a sensação se modificava por completo. Eu me revitalizava. Isso acontece, especialmente, porque tenho uma compreensão da minha responsabilidade no exercício de interação com aquelas pessoas.

O Professor tem esse papel.

Não dá para dizer: “**Isso não depende de mim**”. Depende, sim.

Precisa provocar essa interação. Pode ser que não atinja a todos, mas isso não é motivo para abrir mão de seu papel de provocador nessa relação. Ele precisa dar o ponto de partida, o que não significa que vá atingir o ponto de chegada.

Obviamente, o contrário também pode acontecer. O professor estar se sentindo muito bem naquele dia, energizado, mas a turma mostrar-se dispersa, indócil, hostil até.



Considero que, nessas ocasiões, cabe ao professor investigar as razões para tal comportamento. E a autoavaliação é importante também nesses momentos. Eu, particularmente, faço uma autoavaliação ao final de cada atividade. Gosto de registrar cada aula em um caderno. É um jeito de me organizar para refletir sobre o que está acontecendo. Anoto, por exemplo: “**Hoje eles estavam um pouco mais dispersivos**”. E aí eu me pergunto: “**Em que momento essa dispersão aconteceu?**” E vou me perguntando: “**Que causas identifiquei?**” Isso me ajuda muito no retorno para a próxima aula.

Essa reflexão é relevante porque nenhuma reação dos alunos deixa de ter a ver comigo. Às vezes, é a conexão que eu fiz, às vezes, é o tema que não tem apelo suficiente para assegurar adesão. Assim como o silêncio precisa ser lido. Pode ser porque estão prestando atenção, pode ser por desinteresse. Tanto o silêncio quanto o barulho devem ser interpretados, ser percebidos para investigarmos o que está por trás daquele comportamento.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

É claro que há situações que dependem menos de nós e mais dos contextos. Hoje estamos vivendo um cenário de muita intolerância.

- ***Então, os alunos estão mais intolerantes? Sim.***
- ***Está faltando gentileza? Sem dúvida.***

Mas aí vem meu papel de estar o tempo todo retomando e reforçando esses conceitos. Não é simples. Mas preciso estar disposta a sempre fazer uma releitura, que precisa considerar também os elementos simbólicos que permeiam aquele ambiente.



Afinal, autoavaliação não é simplesmente “**conseguir dar conta do conteúdo tratado**”. É uma autoavaliação da relação do educador com aquele grupo, de como ela está se estabelecendo, quais os pontos que estão avançando, quais as dificuldades que estão impactando o trabalho, quais os aspectos que precisam ser enfatizados naquela determinada turma.

Ao longo da minha trajetória, desenvolvi uma metodologia que me ajuda a alicerçar essa relação. Eu coloco a pauta da aula na lousa. O Objetivo não é engessar o pensamento, mas organizar os temas e ter aquele roteiro como uma referência. A primeira palavra que escrevo é “**acolhida**”. Sempre trago alguma coisa que remeta a essa temática, pode ser um comentário de uma peça, uma matéria de jornal, uma poesia, um vídeo, um *podcast*.

No segundo momento, entro com a parte conceitual e, no terceiro, faço sempre uma atividade interativa. Passo as referências e proponho atividades em grupo.

Esse procedimento, realizado em cada aula, replica um modelo que eu construo com os alunos a cada início de trabalho. É como se fosse uma carta de intenção, que traz algumas questões-chave:

***Quais são as minhas intenções com esse curso?***

***Quais são suas intenções?***



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

- ***E fazemos um contratinho de grupo. Eu relembro esse contrato de tempos em tempos.***

***“ A gente não combinou isso?”***

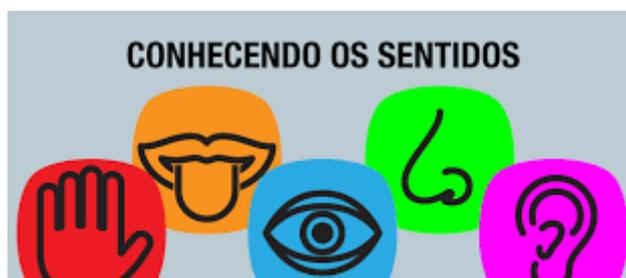
- ***Assim como eles me lembram alguns combinados ao longo do curso.***

No meio do processo, faço aulas de mapeamento. São cinco ou seis encontros para ver se eles estão tendo clareza do caminho que está sendo percorrido. É uma forma de perceber como está se processando a construção de conhecimento deles. Posso assegurar, com base nessa experiência, que essas práticas têm dado bons resultados.

***E nascem da autoavaliação. Por isso, recomendo que o profissional de educação faça um exercício permanente de autoavaliação.***

## **A ESCOLA E OS SENTIDOS**

***“OS PROGRESSOS OBTIDOS POR MEIO DO ENSINO SÃO LENTOS; JÁ OS OBTIDOS POR MEIO DE EXEMPLOS SÃO MAIS IMEDIATOS E EFICAZES” (SÊNECA)***



***“Poucos profissionais reúnem tantas condições de fazer diferença na história de vida de um ser humano quanto um professor.”***

Fundamentalmente, porque se trata de uma convivência muito intensa. São duzentos dias letivos. Ainda mais se levarmos em conta que atualmente o convívio com os pais é mais reduzido por fatores como as jornadas de trabalho mais extensas: as famílias estão menores do que nas décadas anteriores, há uma incidência muito maior de filhos únicos; então, a referência do outro acontece de forma significativa na escola.

É esse espaço que o aluno aprende a olhar o outro, a observar o que o outro está fazendo. Eu fui professora de crianças pequenas durante muito tempo e



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

nunca amarrei um tênis delas. Eu sempre dizia: “**Vocês vão ajudar quem ainda não consegue amarrar**”. E elas amavam, porque ensinavam para o outro. Uns demoravam mais, outros menos, mas era uma aprendizagem única. Como professora, eu nunca ficava longe, estava junto. Porque o Professor não deve submeter um aluno a fazer algo se ele não estiver acompanhado, monitorado, acreditando naquilo. O aluno precisa sentir que há um apoio naquela ação.

“Considero a escola um espaço, por excelência, para se trabalhar os sentidos humanos, tanto no desenvolvimento dos professores quanto dos alunos.”

**Visão** - Há a pedagogia do olhar, que é olhar como se fosse a primeira vez. Olhar de novo e mais uma vez. O professor pode estimular o olhar dos alunos, ainda mais hoje com recursos que podem oferecer uma profusão de imagens. Mas o enxergar – que é diferente do olhar – é muito mais profundo, tem relação com o exercício de ver além do aparente.

**Audição** – A escuta sensível passa pela percepção de ouvir aquilo que não foi dito. E trabalhar essa escuta com os alunos é fundamental. Já para o desenvolvimento das crianças, considero a música um recurso inestimável. Primeiro, por ser uma linguagem universal. Segundo, porque a neurociência demonstra que, quando cantamos, dezessete campos do cérebro se ativam simultaneamente, estimulando as sinapses.

**Tato** - Como sociedade cada vez mais tecnológica, nós estamos perdendo manuseio das coisas. Estamos usando as mãos para operar apetrechos eletrônicos. Um sintoma disso é que o artesanato está, pouco a pouco, saindo de nosso circuito. Precisamos reabilitar a capacidade de construir com as mãos, de tatear o mundo.

**Olfato** - A escola desenvolve pouco a capacidade olfativa. Um cheiro constitui memórias que podem perdurar pela vida toda.

***Quais são os aromas que nossa escola tem?***

***Que lugares cheiram de modo diferente?***

Nós estamos perdendo essa capacidade. Um exemplo emblemático dessa condição são as praças de alimentação nos **shopping centers**. Não se sente mais o cheiro das comidas porque elas se misturam. É **fast-food** com mineira, italiana com japonesa.

E o olfato é um sentido muito forte, que aproxima e distancia, inebria e repele.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

**Paladar** - O sentir o sabor precisa ser estimulado nos espaços de alimentação da escola. A relação de comida, de mesa, é um dos vínculos mais fortes da história humana. E estamos deixando de celebrar esse ritual tão caro à nossa espécie.



Precisamos estimular a retomada dos sentidos, em que pese o fato de que algumas pessoas desenvolvem mais uns sentidos que outros. Segundo a neurociência, nós temos três canais de aprendizagem: auditivo, visual e cinestésico (aquele que se comunica mais pela ação corporal).

Essas percepções podem sinalizar ações que vão tornando a experiência mais rica. A escola precisa trabalhar essas questões dos sentidos até como um antídoto, uma vez que as pessoas estão ficando mais ensimesmadas, mais fechadas, mais solitária.

Afinal de contas, qual é sentido do nosso ofício se não for na relação com as outras pessoas? Por isso, ***o papel da escola é ser o lugar de efeitos, de sonhos, de descobertas e de construção coletiva.***

- ***Não há espaço que faça mais isso do que a escola.***

Todos os sentidos, sem sentido...

Sorrir com os olhos, falar pelos cotovelos, meter os pés pelas mãos. Em mim, a anatomia não faz o menor sentido. Sou do tipo que lê um toque, que observa com o coração e caminha com os pés da imaginação. Multiplico meus cinco sentidos por milhares e me...

PENSADOR

Fernanda Gaona



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

## Sugestão de Vídeo

Mario Sergio Cortella - Como ser o melhor profissional do mundo

<https://www.youtube.com/watch?v=ypt0YZKqwo8>

## Sugestão de atividades

1. ***“A autoavaliação pode permitir uma autorreflexão, mesmo que ela seja uma atividade não deliberada ou intencional, ao pararmos para pensar sobre qualquer episódio, dilema ou problemática interna, individual, pessoal ou profissional que envolva nosso investimento de vida, de tempo, de conhecimento, ela invariavelmente está presente.”*** Comente sobre a importância desta avaliação na prática educativa.
2. ***A charge permite refletir sobre o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem. Comente***





Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

3. **Comente as Charges abaixo:**



4. **Comente a Charge**

